

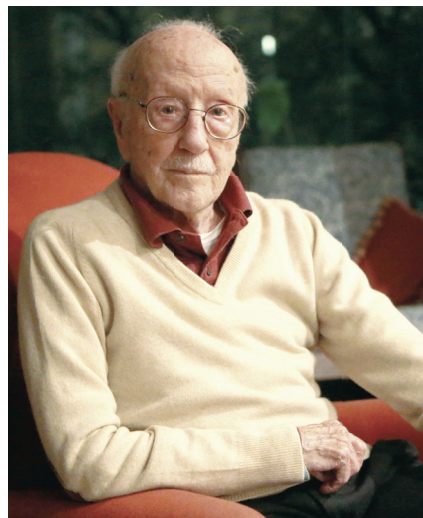
# Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



“Não possuiu contas no exterior (...) não paira contra mim nenhuma suspeita de desvio do dinheiro público”  
(Dilma Rousseff, presidenta da República)

Este senhor se ilude, o impeachment não vai dar certo



## A imolação de Cunha

► **Ao tentar queimar Dilma Rousseff, o presidente da Câmara, ainda em exercício, ateou fogo às suas vestes**

**N**ÃO FOI POR QUALQUER razão de natureza técnica. Ao contrário. A decisão tomada por Eduardo Cunha, presidente da Câmara de Deputados, de acolher o pedido de *impeachment* de Dilma foi, acima de tudo, um ato de desespero. Este é o fator preponderante de um movimento, muito além de mero jogo político, temperado pelo sentimento de vingança. Cunha jogou a toalha. Um gesto simbólico de desespero.

Ele confiava desconfiando no acordo com feitiço de chantagem imposto por ele ao Partido dos Trabalhadores. Esperava contar com os votos de três angustiados deputados petistas, integrantes do Conselho de Ética. Nota distribuída pelo presidente do PT, Rui Falcão,

anunciou o afastamento de Cunha. O partido juntou os cacos e uniu-se contra a maldita aliança que provocava engulhos. Com isso, perdeu a maioria no Conselho de Ética. A suposta barganha foi para o espaço. Cunha reagiu.

Sem a maioria no Conselho de Ética, ele será empurrado em direção ao cadafalso na Câmara que preside. Vai responder à denúncia de ter mentido a seus pares quando garantiu não ter contas no exterior, conforme a denúncia contra ele encaminhada pela Procuradoria-Geral da República ao Supremo Tribunal Federal. Os argumentos

apresentados por Cunha são frágeis. Risíveis até. Ele está sem saída.

Meses atrás, ao anunciar seu rompimento com Dilma, ele prometeu “incendiar” o governo. Isso porque julgava que Dilma pudesse interferir nas ações do Ministério Público Federal ou mesmo nas ações da Polícia Federal. Se quisesse, não deveria.

Cunha, no centro da crise política, foi mais longe. Com apoio da oposição, notadamente o PSDB, atrapalhou bastante, e ainda atrapalha, a administração de Dilma. Ele contribuiu efetivamente para a desmontagem da base do governo no Congresso.

**Ao perder o apoio** envergonhado do PT, voltou ao ninho tucano. Estimulado, fez o que os adversários do governo pretendiam. Mas não terá o apoio necessário para evitar a reação interna. Para tentar queimar Dilma ateou fogo às vestes. Agora arde sozinho. Será que os tucanos vão blindá-lo?

O golpe, em formato de *impeachment*, dificilmente será bem-sucedido.

Os números governam o processo se ele seguir o curso. Uma comissão especial com 66 titulares, representação proporcional ao tamanho das bancadas. Se não cair nesta fase, será discutido e votado pelo plenário da Câmara. O processo de *impeachment*, para ser aberto, precisará alcançar dois terços da Câmara. Ou seja, 342 deputados.

No Senado a aprovação será ainda mais difícil. A maioria necessária para aprovação é de dois terços. Nesse caso, 54 senadores dos 81 existentes. A oposição, ciente disso, vai promover com os meios que tiver e a influência nos meios de comunicação os movimentos ditos “espontâneos”. Essa é outra história.

Mas o curso do destino de Eduardo Cunha está traçado. Será desonroso. Voltará mais cedo para casa. Talvez antes passe pela cadeia.



Esta imagem não retrata a Justiça à brasileira

## Dúvida suprema

Cresce a convicção, no mundo jurídico, de que o Supremo Tribunal Federal teria autorizado indevidamente a prisão do senador Delcídio do Amaral, movido por um sentimento de revanche.

Isso se explica assim. Sem saber que estava grampeado, Amaral insinuou que conseguiria junto a alguns ministros a liberdade de Nestor Cerveró, preso pela Operação Lava Jato ou, em outra hipótese, o tiraria clandestinamente do País.

A bazófia do senador abalou a Corte. Por isso, teriam atropelado a Constituição, que limita a prisão de congressistas ao flagrante delito.

Ninguém pode ser preso por intenção de violar as leis. Essa é a regra prevista no artigo 31 do Código de Processo Penal. Não há punição se o crime não chega, pelo menos, a ser tentado.

Teria o Supremo violado a Constituição do qual é o guardião?

## Assim toca a banda

Além de ter sido feita em meio a mais uma etapa da Lava Jato, a mais recente pesquisa Datafolha é simultânea à prisão do pecuarista José Carlos Bumlai, identificado pela mídia como “amigo de Lula”, e, além disso, à

prisão do senador Delcídio do Amaral, do PT.

Isso explica como a rejeição a Lula alcançou 47%. É um resultado impulsionado pelas cordas ferinas de uma banda de música.

## O “jovem” Delcídio

Caso haja um esquema de revisão na Polícia Federal, ela dormiu no ponto na transcrição da ata do depoimento do senador Delcídio.

Nela consta a data de nascimento do depoente como 8/2/1985. Ele teria hoje 30 anos, malgrado o contraste com as madeixas.

## Fazendo água

O Plano de Negócios da Transpetro para o quinquênio 2015-2019 prevê a entrega, pelos estaleiros nacionais, de mais 17 navios até o último ano.

Um objetivo ambicioso, se for considerado que, em oito anos, de 2007 a 2015, o Programa de Modernização e Expansão da Frota de Petroleiros (Promef) entregou apenas oito petroleiros, de uma carteira inicial de 49, com investimentos próximos a 12 bilhões de reais.

Outras oito embarcações já foram canceladas.

O Plano de Negócios é menos factível ainda diante da crise que tomou conta dos estaleiros nacionais. Uma si-

tuação que se agravou pelo fato de os contratos não serem revisados desde 2011.

Menos navios, menos postos de trabalho.

## A OAB no muro I

As instituições não existem por si sós. São feitas de carne e osso. Dependem de quem as comanda, embora nos discursos sempre invoquem uma tradição liberal.

Empurrada pelos fatos, em 1992, a Ordem dos Advogados do Brasil participou da vanguarda do movimento pelo *impeachment* do presidente Fernando Collor.

Em 1964, o comando da OAB apoiou o golpe civil-militar contra o presidente João Goulart.

E agora?

## A OAB no muro II

Por 3 votos a 2, uma comissão criada pela OAB concluiu que as pedaladas fiscais não podem levar ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

Na terça-feira 1º de dezembro, os 81 conselheiros do órgão máximo de deliberação decidiram esperar para ver como é que fica.

“A OAB não se furtará de assinar pedido de impedimento caso sobrevenham novos fatos nem de emitir posicionamento favorável ou contrário, se assim decidir o plenário”, diz o presidente da Ordem, Marcus Vinicius Furtado Coêlho.

A decisão ficou para o ano que vem, com a OAB sob nova direção.

## Ódio velho

Do século XIX ao XXI, a violência da Polícia Militar do Rio de Janeiro contra negros é uma pedra de granito. Diante do assassinato com mais de 50 tiros disparados contra cinco jovens negros, na Favela Costa Barros, em 2015, vale resgatar uma descrição de Aluísio de Azevedo, no livro *O Cortiço*, em 1890. “A polícia era o grande terror daquela gente (...) sempre que penetrava em qualquer estalagem havia um grande estropício (...) invadiam os quartos, quebravam o que lá estava, punham tudo em polvorosa. Era uma questão de ódio velho.”

mauriciodias@cartacapital.com.br